

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

(trad. port. das Ed. Paulistas, 1967), em que se faz uma boa exposição preliminar sobre o valor da pedra nas civilizações pré-históricas, nas religiões naturais e na Bíblia (Antigo Testamento).

Apesar do seu interesse, as lições dadas em 1966-67 estão hoje um pouco desactualizadas no que se refere aos aspectos arqueológicos. A 24 de Junho de 1968, quase ao encerrar o centenário (proclamado como Ano da Fé), Paulo VI anunciou que a investigação científica actual não só tinha como certa a localização da sepultura de S. Pedro, mas pôde até identificar os restos das suas ossadas. A grande mestra destes estudos é a doutora Margherita Guarducci, professora da Universidade de Roma. O leitor português tem um resumo da situação arqueológica e epigráfica, em meados de 1968, no artigo de José Leite sobre *As reliquias de S. Pedro (Brotéria, LXXXVII (Out.º de 1968), pp. 308-325).*

J. G. F.

ANDREA CARANDINI — *Vibia Sabina. Funzione politica, iconografia e el problema del classicismo adrianeo.* Florença, Leo S. Olschki, 1969.

Andrea Carandini apresenta este seu estudo sobre a iconografia de Vibia Sabina como um contributo para a revisão do problema da cultura romana do círculo palatino de Adriano. Não dizemos do problema somente da arte, mas da cultura; nem da cultura romana da época de Adriano, mas, mais limitadamente, da cultura do círculo palatino do imperador Adriano. Na verdade, se esta obra é essencialmente de historiografia artística, a autora não esquece que a arte «é sempre sensível às transformações que se verificam numa sociedade». Por outro lado, pretende que Adriano condicionou a cultura da corte e das classes dominantes da sociedade romana, mas que esta cultura se restringiu a essas classes e acabou por isolar ideologicamente o imperador das realidades sociais, culturais e religiosas das províncias periféricas do império. Este juízo parece-nos extraordinariamente severo, e aliás desmentido pelo que a autora diz acerca do iluminismo paternalista do imperador, bom administrador segundo o modelo de Augusto.

Andrea Carandini não segue certos autores na insistência sobre o gosto de Adriano por um estilo severo e arcaizante; pelo contrário, mostra a preferência do imperador por uma estética clássica. Se a arte de Trajano exalta o heroísmo, a de Adriano testemunha um sereno gosto do racionalismo, da contensão de sentimentos; se a do Optimus Princeps deforma para exaltar, a de Adriano regressa «àquela imitação do verosímil que é a regra fundamental de todo o classicismo». O classicismo da época de Adriano é a consequência de uma revolução espiritual sentida e sincera.

A autora acompanha a vida de Vibia Sabina recorrendo aos raros dados literários e epigráficos e divide-a em nove períodos, de c. 85 a 139 d.C.. As esculturas de vulto e os baixos-relevos de Sabina são atribuídos com ponderadas razões históricas e estilísticas a um ou outro destes períodos. Onze retratos identificados com segurança, encontrados em Vaison, Andriaki, Perge, Tivoli, Lanuvium e Roma e

felizmente atribuíveis a seis daqueles nove períodos, permitem, analisados com atenção, definir características de fases e escolas que ajudam a identificar outros retratos de atribuição menos segura.

Um estudo demorado dos penteados de Sabina, ilustrado com desenhos de M. Antonietta Ricciardi, completa a obra, que representa, para o estudo da arte da época de Adriano, contributo valioso a juntar-se aos trabalhos de Toynbee e Wegner.

JORGE ALARCÃO

ANTONINO GRILLONE — *Il sogno nell'epica latina — tecnica e poesia.* Palermo, Andò Editori, 1967, 178 pp.

Eis um livro que será bem acolhido por todos os Latinistas. De leitura agradável e contendo uma análise tão completa quanto possível de todos os textos latinos concernentes ao sonho, a presente obra conseguiu alcançar os dois objectivos que o autor pretendia:

— análise pormenorizada de todos os textos (incluindo mesmo os de autores menores como Sílio Itálico, Valério Flaco, Estácio e Claudiano);

— excelente visão de conjunto ilustrada por comparações oportunas e circunstanciadas dos textos latinos entre si e com os respectivos modelos gregos, para neles distinguir o legado da *técnica* da verdadeira *poesia* de cunho pessoal.

Com a preocupação de exaurir o assunto em estudo, o autor teve a meticulosidade de analisar mesmo aqueles passos que por muitos estudiosos são considerados como simples *visa nocturna*, descendo até ao pormenor de referir os vv. 908-912 do canto XII da Eneida que apenas contém um símile onde são comparados os sentimentos experimentados por Turno com as sensações provocadas pelo sonho (*Traumgleichnis*, no dizer de Steiner).

A introdução duma meia dúzia de páginas constitui um bom resumo da obra e salienta as características mais importantes do sonho em cada um dos autores estudados.

O primeiro escritor tratado é Énio, cuja obra não é analisada em pormenor, devido ao seu estado fragmentário. E infelizmente, pois, segundo o autor pensa, dada a simpatia do poeta pelas doutrinas pitagóricas, é natural que os *Annales* contivessem muitos sonhos. A prová-lo está o início do poema onde Énio, por meio dum sonho, pretende consagrar-se como um *alter Homerus*.

O estudo da Eneida ocupa cerca de um quarto do livro. Salienta o autor a importância do sonho na economia do poema, notando com perspicácia que com a aparição de Heitor a Eneias se inicia a peregrinação do Troiano e que os seus erros terminam com a visão do Tibre. Refere ainda a simplicidade dos sonhos virgilianos, bem como o facto de quase nunca serem alegóricos, o que distingue o Mantuano de Homero.